

O Estágio como Espaço de Observação e de Reflexão da Realidade Escolar

Bruno Alves Faria^(*)

Introdução

O estágio possibilita aos futuros profissionais de uma determinada área vivenciar suas práticas como forma de amadurecimento e de aprendizagem. Na prática do estágio, observei alunos e professores desmotivados, além da violência instalada no espaço escolar. Diante desse verdadeiro mal-estar ninguém parece se entender – os pais culpam a escola e os professores e vice-versa. Tenta-se encontrar um “culpado” – se é que realmente isso seja possível – para assumir a responsabilidade que é de todos na construção de uma escola e de uma sociedade em que o respeito seja a mola mestra das relações.

Nessa prática pude observar, ainda, ao dialogar com professores e alunos, toda problemática enfrentada pela escola: muitos professores desmotivados, falta de interesse de muitos alunos, agressividade acentuada e banalização do espaço escolar. É sobre estas questões, com as quais me deparei no estágio em Pedagogia, que pretendo submeter a uma reflexão.

Teoria e prática

A teoria sem a prática torna-se um discurso vazio. Sendo assim, o estágio é de extrema importância aos futuros profissionais de uma determinada área do conhecimento. Durante o estágio, me indaguei por que tantas pessoas ainda optam pelo magistério, mesmo sabendo que essa profissão, que para muitos ainda é um sacerdócio, sofre um forte desgaste. Observei isso na fala de um estudante de Campo Grande, bairro da zona oeste do município do Rio de Janeiro:

No Brasil, ser professor é muito difícil mesmo, porque o único que dá certo é o professor de cursinho (...). Se você quer ter uma renda mensal boa (...). Professor é muito desvalorizado, professor passa lá com 50 anos de idade, com mestrado não sei o que, pra ganhar um salário de cinco mil reais assim por mês, quatro mil, e não

(*) Graduando no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro – Iserj/Faetec. Aluno bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – Faperj, na pesquisa intitulada “Identidade e Formação Docente”, realizada no Iserj/Faetec, sob a coordenação da Profa. Dra. Regene Brito Westphal. E-mail: contatos.bruno@yahoo.com.br .

tem ajuda do governo, sendo que a educação no mundo inteiro é a principal coisa para crescer o país, né? (André, escola particular, Campo Grande).

O meu estágio foi realizado no ano de 2011, em uma escola da rede pública de ensino, no bairro da Tijuca, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Em meu primeiro dia de experiência – pontapé inicial do curso das atividades desenvolvidas no período noturno da escola – uma avalanche de observações, dúvidas e incertezas guiaram-me as reflexões. A escola em que estagiei oferece a Educação de Jovens e Adultos (EJA), composta em sua maioria por jovens entre dezessete e vinte anos de idade. São indivíduos que chegam desmotivados, desacreditados e que vêem na figura do professor não um facilitador, não alguém que está naquele momento disponível para ajudá-los. Ao contrário, vêem o docente como alguém que dificulta, incomoda. Nesse sentido, acompanhando uma determinada perspectiva teórica, também entendo que:

A sociedade exige outra formação de seres humanos e, conseqüentemente, outra educação. Os alunos exigem outra escola, logo outros modos de ensinar. E a vida exige que aproveitemos melhor esse tempo histórico que nos é concedido (Furtado e Bozza, 2010, p. 43).

Observei na experiência do estágio que a sala de aula tornou-se um espaço tenso. Qualquer passo em falso do professor poderia desencadear um grande conflito. Com isso, parece-me que o docente é levado a refletir melhor a sua prática pedagógica para atender discentes tão diferentes a fim de não gerar um grande mal-estar. Segundo Gatti (2010, p. 12):

Não podemos ignorar a tensão que está hoje colocada nos sistemas educacionais pelas condições socioculturais e científicas que vivenciamos. Gestores e professores diante de crianças e jovens bem diversificados, com pensamentos, atitudes e comportamentos construídos num contexto social complexo, em que a novidade, a moda, o fugaz, o passageiro, assumem papel determinante, tanto pelo sistema de consumo que temos hoje, como pelo sistema das mídias, através do desejo de ter permanentemente estimulado e onde a tragédia humana é tomada como filme ou como novela, onde os deslizos morais, as violências de diversas naturezas e as mortes perdem sua concretude e passam a ser tomadas como virtuais. A realidade social se constrói, derruba e repõe mitos num espaço de tempo curto, inimaginável. A mídia cria personagens, heróis e vilões, e os põe no ostracismo da noite para o dia. Que referências as crianças e os jovens podem ter para se formar e se guiar?

Não podemos generalizar, mas não podemos também ser ingênuos em não admitir que hoje boa parte dos alunos está desmotivada. E, nesse momento, vários especialistas afirmam que o professor deve criar condições que favoreçam a aprendizagem, deve ser criativo, e pra isso

oferecem uma infinidade de recomendações. Mas como estimular alunos que não desejam ser estimulados? Alunos que não respeitam o ser humano por trás da figura do professor?

Parece que todos estão perdidos e sobre isso pude discutir com um dos professores que acompanhei no primeiro dia de estágio. Ele me proporcionou um momento de troca de experiências muito rico. Seu desabafo foi de extrema importância para o meu enriquecimento enquanto aluno e futuro docente. Lembrei-me do autor Antônio Nóvoa quando afirma que se pede muito do professor, mas pouco se oferece a ele. O professor tornou-se um paraiaio, tendo que dar conta de inúmeros problemas que lhes são novos.

Durante a conversa que tive com esse docente, ele afirmou que muitas vezes não sabe o que fazer com o aluno que apresenta uma atitude que não condiz com o espaço escolar. Disse que, se retira o indivíduo da sala de aula, ficará ocioso e atrapalhará as outras aulas e isso não será benéfico para a sua formação. Mas, se ele o mantiver na sala de aula, continuará a desrespeitá-lo.

Como havia dito anteriormente, o espaço escolar também se tornou tenso e violento. Esse mesmo professor me relatou que uma de suas amigas, também professora, foi agredida com uma faca por ter repreendido um de seus alunos. Segundo Naime Pigatto (2010, p. 305): “O fazer docente na contemporaneidade exige olhar atento para as demandas da sociedade. Nesse sentido, é impar a efetivação de atividades alicerçadas em vivências cidadãs, de respeito às regras de convivência e à resolução pacífica dos conflitos”. Então, o que fazer? Como agir de forma eficaz para que a profissão docente não entre no *hall* das mais perigosas? Como preparar os graduandos para enfrentar os novos desafios impostos por uma sociedade que parece não conseguir construir os seus valores e ratificar o respeito à dignidade humana? A respeito, Lopes e Torman comentam (2010, p. 52):

É sabido que a escola, hoje, está passando por uma crise relacionada à socialização e ela tem enfrentado dificuldades na construção das normas e dos valores gerais da sociedade. Além disso, a escola regida pelo modelo tradicional, com o manejo de classes nas mãos exclusivamente do educador e os alunos em posição de obediência e subalternidade, perdeu-se no tempo. A sala de aula onde vigoram novos modelos de relações entre educadores e alunos, onde tudo pode ser passível de discussão, onde a hierarquia fica menos visível, onde os alunos têm o direito de opinar, é uma nova realidade. Esses novos modelos, com capacidade de maior elasticidade de tolerância, implicam novas definições de disciplina.

Identifiquei muitos professores comprometidos com esse projeto e que dão tudo de si para que ele aconteça de forma plena. E nesse momento não podemos perder a esperança da

mudança, porque se não acreditarmos que as coisas podem dar certo e que poderemos ajudar a formar pessoas críticas, o futuro com certeza será mais conflituoso.

O professor é um agente de transformação, por mais clichê que isso possa parecer, mas ele também é um ser humano, que sofre, tem angústias, possui sonhos, desejos. E que vem sofrendo uma fragilização em sua identidade. Muitos alunos são agitados, não demonstram interesse em estar na instituição. No segundo dia de estágio ouvi muitos palavrões deixando a professora e a estagiária, recém-chegadas, assustadas. Faltam limites. Eles transitam no corredor e conversam entre si como se estivessem na rua, em um lugar informal e não se dão conta de que estão em uma instituição de ensino que possui regras, normas que devem ser respeitadas e cumpridas. Outro professor queixou-se com a coordenadora sobre um aluno que estava perseguindo-o nos corredores, intimidando-o e afirmou que se o seguisse até o estacionamento, ele iria à delegacia. Estamos frente a uma situação-limite, confesso que não sei aonde iremos parar. O professor, nos dias atuais, precisa acionar a força policial para preservar a sua integridade física e sua figura está sendo “mutilada” a cada instante. Onde vamos parar?

Ainda assim, encontramos pessoas empenhadas no exercício do magistério e tantos outros estudando, se aperfeiçoando, para um dia ostentar o título de professor. Interessante e instigante tal paradoxo.

A opção da carreira docente

Para que ser professor? Essa pergunta é extremamente provocativa para os que estão inseridos no âmbito da educação. Ainda que em algum momento este questionamento pareça descabido, ele é extremamente pertinente. Ser professor não é fácil, mas é possível, não é missão, tampouco omissão, talvez seja uma tentativa desesperada de não desacreditar no ser humano e colaborar para que ele possa ser inserido de forma plena na sociedade.

A intenção não é levantar a bandeira da educação como redentora da humanidade, até porque ela pode formar ou deformar. Mas dependendo do tipo de homem que se almeja e do tipo de sociedade que se deseja construir, a educação pode se tornar uma força capaz de contribuir positivamente. Será utópico? Talvez, mas não podemos deixar de vislumbrar dias melhores para a escola e para o professor.

Os desafios da Educação de Jovens e Adultos, como em outros segmentos educacionais, são os que seguem: reconquistar o espaço escolar como um lugar importante de socialização e formação e resgatar a figura do professor, pois não existe escola sem ele.

Como trabalhar com jovens em situação de risco, estando o professor também em risco? Observamos constantemente docentes sendo agredidos verbal e fisicamente, além de casos isolados e extremos em que ocorre a morte do profissional. Não estão todos em situação de risco?

Os alunos e o meio social

Percebi que a maioria dos discentes não sabe reivindicar algo sem gritar ou demonstrar o mínimo de amabilidade. Logo somos tentados a afirmar que o meio social de onde provêm esses alunos é agressivo e de fato pode até ser, mas não os exime da obrigação de se comportarem adequadamente no espaço escolar.

Não sei afirmar se a escola é um reflexo da sociedade ou parte dela, ou as duas coisas ao mesmo tempo. Mas o que tenho observado é que os muros que delimitam o espaço escolar desmoronaram, os de concreto são os únicos que resistem porque os morais não existem mais. Tenho a sensação de que os corredores da escola se tornaram lugares violentos, onde os indivíduos transitam sustentando os seus vícios e interagindo com os demais de forma ofensiva. É neste momento que me indago se o caos da nossa sociedade atual invadiu a escola ou a mesma esqueceu as portas abertas? A respeito, segundo Philippe Perrenoud (1999, p. 5-6):

Sem dúvida, os professores, os alunos e seus pais fazem parte do mundo do trabalho e evidentemente da sociedade civil. Assim, por meio deles, retomando a fórmula de Suzanne Mollo (1970), a sociedade está dentro da escola tanto quanto o inverso. No entanto, a escola não poderia cumprir sua missão se mudasse de finalidades a cada mudança de governo e tremesse sobre suas bases cada vez que a sociedade fosse tomada por uma crise ou por conflitos graves. É importante que a escola seja, em parte, um oásis e que ela continue a funcionar nas circunstâncias mais movimentadas, mesmo em caso de guerra ou de grande crise econômica. Ela permanece, senão um “santuário”, pelo menos um lugar cujo estatuto “protegido” é reconhecido.

Percebo que falta uma relação mais afetuosa com a instituição escolar, sentir-se parte integrante deste complexo espaço construído historicamente.

A escola e a sua função social

Qual a função da escola? Qual a função desta escola onde eu estagiei? Uma aluna foi categórica em afirmar que o meu local de estágio era, com o perdão da palavra, uma “bosta”. É triste ouvir e ler tal afirmação. Consequentemente somos levados a refletir o papel da escola na sociedade atual. Não devemos ser iludidos em acreditar que nada disso afeta aos graduandos, futuros professores. Por onde começar? O que fazer? Será que de fato podemos colaborar para a mudança? Mas como? Os questionamentos são necessários para trilharmos o nosso caminho, nem sempre teremos as respostas, mas nunca devemos deixar de questionar.

Esses jovens da Educação de Jovens e Adultos, em sua expressiva maioria, não apresentavam ânimo de estar naquele local, que eu chamo de escola. Observamos uma visão tão mercantilista da educação, estudar para ter um bom emprego, não que isso não seja necessário em um mundo neoliberal tão voraz como o nosso, mas e o prazer de conhecer? O estranhamento diante do novo? Será que não podemos despertar esse tipo de sentimento nos alunos? E quando não despertamos, de quem é a culpa? Será que há um culpado específico? Será que todos estão errando? Ou não há um culpado e tudo isso é o reflexo de uma nova época, de um novo tempo em que a humanidade vive?

Sabemos que a Educação é mutável, ela está inserida no tempo histórico. Por isso não devemos fazer comparações simplórias sem entender o contexto em que ela se encontra e não fugir das reflexões. De acordo com Penin (2011, p. 37):

Se a cultura está mudando rapidamente, toda a escola precisa ser repensada: sua estrutura, gestão, seu funcionamento, currículo, a aula; e isso, não somente para acompanhar as mudanças, mas para não deixar escapar a função educativa da escola, assegurando a formação geral do educando.

Considerações finais

Muitas vezes ficamos confusos com inúmeras teorias e práticas pedagógicas: qual a mais eficaz? Qual aplicar? Observei jovens com uma vontade transparente em aprender o que era passado pelos professores, mas outros não. Estavam na instituição, em um ritual diário de encontro para celebrar a ausência de um sentido educativo formal, pois informalmente eles eram orientados pelas letras das músicas chamadas popularmente de *proibidões*. Parece que o espaço escolar está vazio e carente de ações eficazes e bem

direcionadas. E isso acaba gerando um grande mal-estar, com alunos e professores desmotivados. Segundo Cortesão (2002, p. 29-30):

Os professores também se sentem mal, e também se interrogam sobre qual é o seu papel na escola. Perderam aquilo que, em tempos, foi um “público garantido”, submisso, disponível para aprender o que lhe era exigido (...) e enfrentam alunos que não gostam de estar na escola até porque, fora dela, têm acesso a divertimentos e mesmo a fontes de informação muito mais aliciantes do que as que podem ser oferecidas pelos professores (...). O “mal-estar” na escola é uma realidade que, nos diferentes níveis de ensino, tem realmente vindo a aumentar.

Ouçó algumas propagandas de cursos preparatórios de vestibular que simplesmente veiculam os números de aprovados como uma forma de atrair mais estudantes, ou faculdades que mencionam apenas o mercado de trabalho como o único sentido do ingresso na vida acadêmica universitária. Devemos questionar tudo isso, será que devemos apenas formar mão-de-obra? E o pensamento crítico? O que a sociedade deseja? E será que a mesma está pronta para assumir as consequências de suas escolhas? Vivemos um dualismo entre o pensamento crítico que propõe a formação cidadã e a necessidade de mão-de-obra específica. Mas, será que não podemos unir as duas coisas ou isso é impossível?

Volto à pergunta básica sobre o papel do projeto político-pedagógico, e isso pode parecer até clichê da minha parte, mas não posso deixar de fazê-la: que ser humano desejamos formar? Que tipo de educação queremos para a nossa sociedade atual? Eu, como graduando, futuro professor, preciso de algumas respostas...

Referências

- CORTESÃO, Luiza. *Ser professor: um ofício em risco de extinção?* São Paulo: Cortez, 2002.
- FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA. *A atratividade da carreira docente no Brasil*. (Relatório preliminar, mimeo). São Paulo, 2009.
- FURTADO, Júlio; BOZZA, Sandra. *Professor – vida, morte e ressurreição*. Rio de Janeiro: Wak, 2ª ed., 2010.
- GATTI, Bernardete Angelina. “Sobre formação de professores e contemporaneidade”. In: KRONBAUER, S.C.G e SIMIONATO, M. F. (orgs.), *Formação de professores: abordagens contemporâneas*. São Paulo, Paulinas, 2ª ed., 2010.
- LOPES, Kátia de Conto; TORMAN, Ronalisa. “O educador frente às adversidades da contemporaneidade”. In: KRONBAUER, S.C.G & SIMIONATO, M. F. (orgs.), *Formação de professores: abordagens contemporâneas*. São Paulo, Paulinas, 2ª ed., 2010.
- PENIN, Sonia T.S. “Didática e cultura: o ensino comprometido com a contemporaneidade”. In: CASTRO, A.D. & CARVALHO, A.M.P. (orgs.), *Ensinar a ensinar*. São Paulo: Thomsom, 2001.
- PERRENOUD, Philippe. “Formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica”. In: Rio de Janeiro: *Revista Brasileira de Educação*, n. 12, set./out./nov./dez. 1999.
- PIGATTO, Naime. “A docência e a violência estudantil no contexto atual”. In: Rio de Janeiro: *Ensaio – avaliação de políticas públicas educacionais*, v. 18, n. 67, abr./jun. 2010, p. 303-324.

Resumo: Este trabalho é o resultado de reflexões realizadas no meu estágio curricular obrigatório no segmento da Educação de Jovens e Adultos, cujo objetivo foi observar a realidade escolar e os seus desdobramentos: a relação dos jovens entre si e com os professores, a fragilização da figura do profissional docente e os desafios que a escola vem passando para manter o seu papel socializador.

Palavras-chave: Estágio; Escola; Educação.

Abstract: This work is the result of my reflections on curricular compulsory segment of Youth and Adults, whose goal was to observe the school reality and its consequences: the relationship of young people among themselves and with teachers, the weakening of the figure of teaching profession and the challenges that the school is going to keep their socializing role.

Keywords: Stage; School; Education.

Recebido em: 11/01/2012

Aceito em: 24/02/2012